



DOCUMENTA

SETE (2013)

JOGO PARA ATORES¹

Marcus Mota

Universidade de Brasília.

E-mail: marcusmotaunb@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/dramaturgias.voi9.21123>

RESUMO

Texto da peça **SETE**, elaborado a partir de **Sete Contra Tebas**, de Ésquilo, e **As Fenícias**, de Eurípides.

Palavras-chave: Ésquilo. **Sete Contra Tebas**. Eurípides. **As Fenícias**. Dramaturgia.

ABSTRACT

*Here is available the play SEVEN, based on Aeschylus' **Seven Against Thebes** and Euripides' **The Phoenician Women**.*

*Keywords: Aeschylus, **Seven Against Thebes**, Euripides, **The Phoenician Women**.*

PERSONAGENS

Etéocles

Polinices

Esfinge (Selvagem Cantora)

1 A partir de **Sete contra Tebas**, de Ésquilo e **As Fenícias**, de Eurípides. Texto especialmente elaborado para o **I Festival Internacional de Teatro Antigo**. Brasília, 2013. Direção de Hugo Rodas. Com Dênis Camargo, Pedro Silveira e Fernanda Jacobs.

MÚSICA 1. SONS PRÉ-GRAVADOS DE GUERRA, MÚSICA INSTRUMENTAL.

ETÉOCLES (*pegando a mão de Polinices, puxando para uma luta*)

Vamos! Vai ser assim — homem contra homem! Que vença o melhor!

POLINICES (*largando a mão*)

E o melhor é o mais verdadeiro: Não basta parecer — tem de ser o melhor.

ETÉOCLES

Chega de palavras. Não temos mais tempo! À luta! O jogo começa agora!

MÚSICA 2. CANÇÃO DA MÃE. DO ALTO DA TORRE. "LAMENTO"

Meus Filhos, meus segredos,

eu quis reconciliar.

A guerra se aproxima entre nós.

Um reina e traz desordem,

luxúria e pleno caos;

o outro vem faminto se vingar.

Meus olhos vêm a riscar o céu
a voar veloz a pior visão.

*Os heróis vão morrer,
não há muros mais.
Ela enfim chegou:
a desgraça nos traz a nossa paz. (Bis)*

POLINICES

As trancas das portas se abriram. Estou de volta.

ETÉOCLES

Quem te deixou entrar aqui!

POLINICES

Nossa desgraçada mãe chamou. Quer falar com a gente

ETÉOCLES

Maldita mulher! Saia. A terra agora é minha. Saia!

POLINICES

Você não vai ficar com tudo sozinho. O combinado era a gente revesar: um ano pra mim, outro pra você.

ETÉOCLES

Como é que é?

POLINICES

A praga. O pai nos amadiçoou. Então um ano eu seria banido daqui, no outro você. Esse era o trato.

ETÉOCLES

Mas que negócio sem cabimento esse.

POLINICES

Eu fui embora pra evitar a desgraça.

ETÉOCLES

E a daí a mãe te chama de volta e tu vem correndo... Tava com saudades?

POLINICES

Não. O ano acabou. Vamos trocar de lugar. O deserto agora é teu.

ETÉOCLES

Nunca. Onde já se viu uma coisa dessas.

POLINICES

É coisa do pai, nossa herança. Lembra?

ETÉOCLES

Sempre ele... Velho cego...Maldição!

POLINICES

Quem mandou brincar com o velho...

ETÉOCLES

Agora tá no quartinho escuro, preso, apalpando as sombras.

POLINICES

Que família...

ETÉOCLES

Mesmo assim, não tem sentido essa conversa revesamento. Como eu vou devolver algo que me pertence? Seria covardia...

POLINICES

Covardia foi não me deixar voltar. Passei fome, humilhação me arrastando no deserto, enquanto você aqui brincando de rei.

ETÉOCLES

E aproveitei cada momento. Gostei e quero mais. Iria até o mais profundo da terra, até o último canto no mais extremo dos céus para continuar governando essa casa.

POLINICES

Mas essa casa também é minha. Por isso eu voltei. A gente corria junto, brincava junto por esses corredores.

ETÉOCLES

Eu parei de brincar faz tempo, meu irmão. Eu gosto agora é do que eu tenho nas mãos.

POLINICES

Você não pode ficar com que é meu.

ETÉOCLES

E você não pode tirar o que me foi dado.

POLINICES

Isso é trapaça! Roubo! Quero guerra!

ETÉOCLES

Então guerra é o que vamos ter. Será irmão contra irmão, homem contra homem. Que vença o melhor!

MÚSICA 3. CANTO DA MÃE. ENQUANTO ISSO, OS DOIS IRMÃOS ARRUMAM OS JOGOS DE GUERRA.

CANÇÃO: "MITO"

Mãe

Primeiro foi o pai a sofrer
castigo de Apolo senhor
nenhum filho deveria nascer
pois sem filho não mais terror.

Mas quem pode o desejo vencer
ir contra o destino e os céus.
Veio a noite, abraços, beijos e amor
e um menino dela nasceu

*Maldição, morte certa,
sua mão nos feriu!
Maldição, nos labirintos dessa terra!
Terra espera, Tebas verá!*

Menino cresceu, homem tornou,
seus pés inchados, sangue no chão.
Quem diria voltaria a rever
o seu, sua mãe, confusão.

Primeiro foi o pai a morrer,
ferido por seu filho do amor.
Depois disso o pior foi saber
que sua mãe virou sua mulher.

*Maldição, morte certa,
sua mão nos feriu!
Maldição, nos labirintos dessa terra!
Terra espera, Tebas verá!*

Tomado de um remorso fatal,
o filho fura os olhos feroz.
A cegueira se arrasta no ar,
ninguém mais vai dormir ou sonhar.

Agora há uma guerra geral,
os filhos da desgraça a lutar.
Todos querem esse reino infeliz
onde os loucos morrem de rir.

*Maldição, morte certa,
sua mão nos feriu!
Maldição, nos labirintos dessa terra!
Terra espera, Tebas verá!*

POLINICES

Esse muros não vão te ajudar por muito tempo, meu irmão.

ETÉOCLES

Daqui eu vejo você e teus homens. Não tinha gente pior pra reunir não? Gritam, dançam, xingam — Gente doida e furiosa! Acha mesmo, meu irmão, que isso vai derrubar essas muralhas?

POLINICES

Não é ódio em nos olhos deles não — é clamor por justiça. Vamos regar essa terra com o sangue dos traidores.

ETÉOCLES

Pois daqui eu vejo muito bem que é o traidor: um filho dessa cidade armado da cabeça aos pés liderando um bando inimigo que quer destruir, incendiar a própria casa.

POLINICES

Como um muro torna as pessoas cegas! Quem, meu irmão, é o inimigo? Quem faz mal contra seu próprio povo?

ETÉOCLES

“Povo de Tebas, aqui quem fala é o seu chefe. Não temam: um bando de miseráveis pretende nos atacar. Não seremos surpreendidos. A maldição acabou: eu estou no comando agora.”

POLINICES

Besta! Teu nome vai ser cantado pela cidade, um lamento pelos mortos dessa guerra estúpida. Tudo por causa do desejo sem fim de querer mais, essa ambição que toma conta de tua mente e vai te destruir.

ETÉOCLES

A decisão foi tomada: à luta. Não quero te ouvir — quero acabar contigo. Você não é mais meu irmão. Eu sou apenas aquele que precisa defender sua casa dos que vêm pra invadir. Você é de fora, uma ameaça. Eu estou aqui, cercado pelas muralhas que me protegem e recebem. Você é o perigo, o mal. Mas agora eu vou ajudar a natureza a cuidar melhor dessa terra. Começando por limpar os arredores dessa praga maldita!

MÚSICA 4. MÚSICA INSTRUMENTAL. DISPOSIÇÃO DOS GUERREIROS**POLINICES**

É, isso não vai ser fácil. A cidade tem 7 entradas enormes, suas veias. Precisamos invadir e curar esse corpo ferido e doente. Em cada entrada há um poderoso guerreiro. Vamos medir nossas forças.

ETÉOCLES

É assim que se fala. Eu gosto de números.

POLINICES

Na primeira entrada, quem você tem?

ETÉOCLES

Me diga você. Você é que é o inimigo.

POLINICES

Eu não vejo ninguém que possa ser capaz de vencer meu mais perigoso animal: para derrubar a primeira porta eu destaco Tideu, a fera, louco que esbraveja sua fúria.

ETÉOCLES

Vejo que Tideu traz um escudo com figuras estranhas: um céu incendiado de estrelas com a lua brilhando - senhora- bem no centro. Olha, nem imagens, nem gritarias, nem esses guizos e penachos do capacete dele podem me matar ou causar medo. Essa mesma noite no escudo eu assim leio: a morte fechando os olhos dos insolentes, a noite eterna com seu peso de espada cortando as carnes, calando a boca presunçosa.

POLINICES

Vamos para a segunda porta: Lá também não vejo ninguém que pode deter outro dos meus homens: Capaneu, um gigante, maior que qualquer deus ou coisa parecida. Ele cala tudo em volta. Seu escudo tem o seguinte brasão: um homem nu com uma tocha acesa nas mãos. Pelo fogo tudo vai se consumido. Pelo fogo a cidade vai padecer e se curar. Como um céu incandescente.

ETÉOCLES

Bobagem! Fogo vai cair do céu é para destruir esse guerreiro maldito. Onde já se viu!? De deuses eu e mistérios eu entendo. Afinal, não tenho vivido com esses fantasmas, o velho cego e a mulher miserável todos esses anos? Não é essa casa a morada das pessoas mais desgraçadas da terra? Pois se eu sobrevivi a essa família de almas errantes, o que dizer de uma boca que grita contra o céu? Quem pode competir comigo quanto o assunto é afligir os deuses para ser atormentado por eles?

POLINICES

Para a terceira porta eu destaco outro guerreiro terrível. Seu nome...

ETÉOCLES

Mas o que que é isso?! Tá de brincadeira, meu irmão. Pensou que eu não iria descobrir o que tá acontecendo?!

POLINICES

Descobrir o quê?!

ETÉOCLES

Sou ambicioso, mas não burro. Este último guerreiro traz no escudo a imagem de um homem que sobe os degraus de escada pra saltar por sobre o muro! Tá brincando comigo?! Esse cineminha dos escudos era só o que faltava.

POLINICES

Tá no sangue... Lembra do pai e da esfinge? Enigmas e monstros.

ETÉOCLES

Mas essa família, como essas muralhas, não tem nenhum mistério mais. O céu com seus astros roda em nossos portais. Somo o universo em miniatura, o joguinho dos deuses. Você vem pra lutar, para reconstituir a família. Eu te digo que nunca fomos o que somos, que essa história acabou. A cidade eu quero. Brincar de deus também, jogar seus jogos. Pelo menos uma vida na vida. Nem que para isso eu tenha que matar todos vocês.

POLINICES

Você delira, meu irmão. Precisa crer em algo. De volta para os muros. Olha, para a quarta entrada eu mando outro gigante ainda mais ameaçador. É um monstro descomunal. Seu escudo é gigantesco. Nele um dragão cospe fogo de verdade, uma fumaça negra que tudo confunde, enquanto que brilham serpentes entrelaçadas no fundo côncavo da circunferência.

ETÉOCLES *(Batendo palmas e rindo histérico)*

Assim você me mata, Polinices.

POLINICES

Meu irmão, a coisa é séria. Olhe até onde nós chegamos. Volte! Volte!

ETÉOCLES

Gigantes, monstros, bestas — o que você pensa que eu sou? Como você acha que eu me sinto? Depois de todos esses anos, depois de tudo que aconteceu?! Daí você vem toda noite aqui e me arma esse espetáculo, e me traz esses muros e escudos, e esses heróis e esses bichos mascarados. O que você quer de mim, Polínicos? O que você quer de mim?

POLINICES

Quero que você vá em frente. Temos mais portas ainda. Precisamos chegar ao final. Todas as noites lembrar de tudo. Todas as noites erguer a cidade outra vez, nossos jogos de guerra.

ETÉOCLES

E prá quê, meu irmão? Uma cidade sem povo, vazia. Uma história sem gente, sem o clamor daqueles que de verdade importam. Mais uma dessas cidades armadas até os dentes, sem saber da grande guerra. Meus cavalos correm por esses desertos, o pó se ergue da terra, e a baba branca se arrasta pelo chão seco. Tudo desaparece.

POLINICES (vestindo o irmão para a guerra)

Meu irmão, anda, não esquece: de volta pro tabuleiro. Quem está agora atacando na quinta porta? Anda, se veste: você tem que participar.

ETÉOCLES

Não vejo nada, não vejo ninguém. Estou caindo em um abismo profundo, um sono antigo, que embaça os meus olhos, e sangue espesso e escuro escorre em minha face.

POLINICES

Eu te ajudo, meu irmão. Veste essa armadura. Na quinta entrada há um guerreiro jovem, meio homem, meio mulher. Feroz ele se aproxima, a barba rala, a pele macia, leves os pés. Mas nem deus pode com ele: em seu escudo se agita a selvagem cantora, a assassina esfinge.

ETÉOCLES

Eu vejo suas asas, as garras terríveis, ontem e hoje sua sombra sobre nossas cabeças. É ela que ainda nos faz suspirar, que nos toma e devora.

POLINICES

A esfinge está fixada com pregos na armadura, meu irmão.

ETÉOCLES

Mas seu corpo brilha, vive no relevo. E a seus pés está um homem como a gente, uma futura vítima.

MÚSICA 5. INSTRUMENTAL**ETÉOCLES**

Para garantir meu poder sobre o povo, eu mandei construir altares, com estátuas dos deuses, templos, moradas na terra para os habitantes do céu. Daí eu entendi o canto da Esfinge, seu enigma: o que fazia o povo ir aos altares era o medo e a fome. Foi então que passei a orar a mim mesmo, a olhar com outros olhos para minha desgraçada família. Se a súplica é uma fala para alguém distante e surdo, que eu fale comigo.

POLINICES

Pare com isso, meu irmão. Não vá adiante. Precisamos chegar ao fim. Os muros, os escudos.

ETÉOCLES

Por que essa pressa, meu irmão? Por que você não me deixa falar?

POLINICES

Falta muito pouco. Depois você faz o que quiser.

ETÉOCLES

Eu cresci com essa história da maldição, do filho, do pai e da mãe. Essa família é a Esfinge.

POLINICES

Etéocles...

ETÉOCLES

Todos sabiam. Todos nos apontavam na rua. A gente, filhos da boca da esfinge devoradora de carne crua.

POLINICES

Uma maldição atrai outra. Vamos fechar a casa, terminar a contagem dos escudos, erguer as muralhas.

ETÉOCLES

Não adianta prender o pai no porão, ou deixar a mãe se matar de remorso. Os filhos são a maldição, somos a própria Esfinge em rasantes pela cidade, o medo nos olhos do povo, nossas garras se afiando na pele alheia.

POLINICES

Meu sexto guerreiro, o mais sábio de todos é um profeta. Ele fala da loucura dessa luta, mostra como todos estão errados, que não há como justificar a destruição do que é comum, o ódio entre os de mesmo sangue. O homem de deus fala brandindo um escudo seguro de bronze maciço. Nenhum brasão, figura ou palavra havia nele. Puro olhar esvaziado de tudo. Terrível é aquele que venera os deuses!

ETÉOCLES

Sábio sou eu, que desvendei o enigma, que descobri porque estamos aqui. Não quero mais esse jogo. Essa noite tudo acaba. Não quero mais morrer no final e ser filho de quem me gerou. Eu quero é escapar dessas muralhas, voar como o monstro de garras e atacar e possuir o que eu quiser.

POLINICES

Você logo vai estar livre, meu irmão. Chegamos enfim à sétima porta. A cidade está completa.

ETÉOCLES

Mas já? Maldição! Eu precisava de mais tempo.

POLINICES

Não tem jeito: o que somos, somos. É hora de lutar e morrer.

ETÉOCLES

Calma: um coro de mulheres pode entrar correndo aos gritos, cantando e dançando.

POLINICES

A hora das cadelas apavoradas já passou.

ETÉOCLES

Ou um mensageiro, um espião pode chegar a qualquer momento trazendo alguma novidade, algo que mude tudo.

POLINICES

Meu irmão, precisamos fazer o que é preciso. Não é nossa decisão.

ETÉOCLES

Mas eu preciso de mais tempo. Eu decifrei o enigma. Eu preciso contar.

POLINICES

Isso não interessa. Vamos para a sétima porta.

ETÉOCLES

Depois de tudo que eu passei, eu não posso ir embora ainda. Por favor, você é meu irmão.

POLINICES *(enquanto fala arrasta o irmão para fora de cena)*

Agora vou falar do sétimo homem que está diante da sétima entrada da cidade – o teu próprio irmão, que lança contra a cidade xingamentos e provocações, jurando que, após escalar as muralhas e ser proclamado rei sobre a terra, e entoar com frenético alarido a canção da conquista, contigo vai lutar, matando e morrendo junto de tiou te deixando vivo, a pagar com banimento aquilo que de igual modo o desonrou com exílio. Ele traz um escudo redondo recentemente forjado, com um duplo emblema fixado com arte: um guerreiro dourado de ouro, ao que parece, avança conduzido com por uma mulher de aspecto simples. Ela reivindica ser Justiça, como as letras anunciam: “Eu reconduzirei este homem para que retome a cidade e a convivência com a casa paterna.”

MÚSICA 6. INSTRUMENTAL

POLINICES *(Recolhendo os materiais)*

A essa hora deveria haver um lamento por nossa morte.

ETÉOCLES

O coro cantando como a gente se feriu – minha espada abrindo teu corpo, tua espada rompendo minhas carnes.

POLINICES

Pela espada você matou

ETÉOCLES

pela espada você morreu.

POLINICES

Quem era mas próximo de ti te matou

ETÉOCLES

Você foi morto pelo teu igual.

POLINICES

Irmão nos sofrimentos.

ETÉOCLES

Família desgraçada. Se pudesse, eu nasceria de novo, mas diferente, sem esse sangue derramado.

POLINICES

Finalmente elas podem cantar, um coro de triunfo: todos foram destruídos. Nossa morte por nossas próprias mãos.

ETÉOCLES

O velho assassino e cego, a mulher do ventre proibido que se mata, os irmãos em mútuo assassinato. Toda a desgraça reunida em uma só família.

POLINICES

Não sei por quê tanto tempo falando de escudos e guerreiros e muralhas se ninguém venceu.

ETÉOCLES

É o que venho tentando te dizer, meu irmão. A guerra é outra.

POLINICES

É por justiça. A cidade, o mundo fica melhor sem nós.

ETÉOCLES

Não, somos todos querem: um sacrifício, a desgraça de uma oferenda aos deuses, para acalmar os corações assustados, para calar o que tenho pra contar.

POLINICES *(começando a pegar a espada com ódio)*

Mas você me roubou. Tudo nessa tragédia é tua culpa. Tua culpa.

ETÉOCLES

Olha, meu irmão, escuta a voz da selvagem cantora, suas asas sobre nós.

POLINICES

Não era pra ser assim. Tudo poderia ter se resolvido. Mas você é quem provocou essa destruição toda.

ETÉOCLES

Não tome a sétima porta, meu irmão. Me escute, precisam de nossas mortes. Tudo isso é uma invenção, uma mentira.

POLINICES

Se afaste de mim, eu te odeio! Eu só penso em acabar contigo.

ETÉOCLES

Larga essa arma, meu irmão! Acredite em mim. Eu decifrei o enigma. Não precisamos mais morrer.

POLINICES

Por tudo que é mais sagrado eu juro: você não vai sair vivo daqui. Não vai escapar. Vai ter que morrer, pagar pelas injustiças. Assim é o mundo. É a maldição. Somos um exemplo para todos. A nossa família são as muralhas da humanidade. Tudo que é de errado está aqui. Para os outros aprenderem.

ETÉOCLES

Não: eu me recuso! Eu não aceito essa condição de céus invertidos. Não me obrigue a lutar contigo.

POLINICES *(joga a arma pro irmão)*

Agora, aqui, na frente de todos. Sem mistérios. Metal contra metal. Essa dança que nos reúne. É o que o povo quer.

ETÉOCLES

Eu não vou lutar contigo. Não vou participar desse ritual estúpido. Ninguém precisa morrer pra ajudar os outros a viver melhor.

POLINICES

É o destino, é nossa história. Papai, mamãe e os garotos maus. Não tem escapatória. As portas se fecharam. O povo assistindo ao espetáculo.

ETÉOCLES

Você acredita mesmo nisso?

POLINICES

Venha, seja quem você for. Eu quero é sangue.

(Jogo da luta. Coreografia. Cercos. Aproximações. Afastamentos. Saltos, facas que cortam o ar)

ETÉOCLES

Depois de todos esses anos até que você aprendeu alguma coisa.

POLINICES

Eu mesmo vou contar a história de como te sangrei.

ETÉOCLES

Então vai pro inferno, mensageiro maldito *(acerta Polinices no meio da barriga. Polinices cai sobre sua faca, escondendo-a. Etéocles joga sua faca no chão, e desfila para o público, seguro da vitória, cheio de ira guerreira, como um animal que abateu sua presa)*. Não era isso o que vocês queriam? A morte de alguém da família? O horror da violência que fere, espanta e agita os corações. Somos um só corpo, a mesma mão que se ergue e ataca. Somos assassinos, somos uma desgraça. Podemos fazer o que a gente quiser. Essa força é nossa e não de deus algum. O sacrifício é esse: aqui somos isso, essa banquete de nossas dores, de nossos desejos. Essa é a tragédia, o enigma, o canto da esfinge. *(Polinices mesmo morrendo ataca o irmão e o fere na barrica. Etéocles grita terrivelmente, como tendo visto o rosto de deus e cai. Os dois ficam juntos. A esfinge-mãe canta. MÚSICA 7 ao fim os irmãos se abraçam e morrem)*

ANTES DO FIM

Frente a frente dois irmãos,
tanto ódio em suas mãos,
quanto sangue vão jorrar,
eles querem se matar.

A ferida é maior,
tudo gira ao redor
quando a boca grita 'não'.
Eu matei o meu irmão!

TODOS

*Eu matei o meu irmão,
eu matei o meu irmão (bis).*

Ondas negras de terror,
águas sujas sobre nós,
mar de males nos feriu,
a desgraça nos pariu.

Essas águas eu bem sei
são as lágrimas dos reis.
O sangue dos mortais
são as minhas digitais.

TODOS

*São as digitais,
são as minhas mãos (bis).*

Todos querem meu poder,
as muralhas abater,
as cidades conquistar,
sobre corpos ir marchar.

Abro os olhos pra vocês
eu saúdo suas leis,
sou a mãe dos generais,
só a guerra nos traz paz.

TODOS

*Só a guerra é paz!
Eu matei meu irmão! (bis).*

Fim.

Recebido em: 23/10/2018 | Aprovado em: 30/11/2019